

## RESENHA:

### "UMA JANELA PARA A VIDA" - 30 ANOS COM OS CHIMPANZÉS DA TANZÂNIA<sup>1</sup>

Paulo Rogério Meira Menandro<sup>2</sup>  
*Universidade Federal do Espírito Santo*

### BOOK REVIEW: "THROUGH A WINDOW - 30 YEARS WITH THE CHIMPANZEES OF GOMBE

Quando passam a conhecer as habilidades intelectuais e a capacidade de solução de problemas dos chimpanzés, algumas pessoas acreditam estar diante de um disparate evolutivo: para que um equipamento tão complexo se suas vidas em condições naturais são tão simples? A leitura do livro de Jane Goodall desfaz qualquer impressão de contradição e responde a questão de forma incisiva: suas vidas na selva não são nada simples.

O trabalho de Goodall é bem conhecido no mundo todo em função de um competente esquema de divulgação através de documentários em vídeo. O texto aqui resenhado apresenta episódios significativos pinçados de material resultante de 3 décadas de observação de chimpanzés e babuínos no Parque Nacional de Gombe, na Tanzânia. O grande interesse do livro é sua característica de compêndio de 30 anos de observação continuada desses animais em ambiente natural.

A experiência imensa e única da autora lhe confere autoridade e credibilidade para levar ao extremo sua característica peculiar de apresentar e discutir seus dados em forma de relatos pouco usuais em ciência. A autora se permite discorrer sobre a saga de uma tropa de chimpanzés de uma forma quase folhetinesca, uma opereta simiana cujo libreto está repleto de paixões, traições, humor, amizade, ternura e violência. O livro ganha ainda mais em vivacidade ao incluir uma centena de fotos dos personagens flagrados em interessantíssimas cenas.

A decisão de levar adiante uma observação longitudinal por um período tão longo revelou-se acertada sob todos os aspectos. Se a observação tivesse sido interrompida após 10 anos, não teríamos conhecimento da brutalidade das agressões intercomunitárias que só ocorreram na segunda década. Se a observação tivesse durado só 20 anos não teríamos tido a oportunidade de constatar a possibilidade de adoção de filhotes, já desmamados, por machos adolescentes. E não teríamos tido, a não ser a partir de uma observação tão longa, a possibilidade de compreender fatores envolvidos nas flutuações da organização social tão complexa, compreensão esta que exige, como Goodall deixa esclarecido, o uso de conceitos aparentemente tão an-

---

<sup>1</sup> GOODALL, Jane - "Uma janela para a vida - 30 anos com os chimpanzés da Tanzânia". Tradução de Eduardo Francisco Alves - Jorge Zahar Editor - Rio de Janeiro, 1991, 277p.

Título original: "Through a window - 30 years with the chimpanzees of Gombe".

<sup>2</sup> Endereço: Caixa Postal 5052, Ag. Leitão Silva 29.000 Vitória, ES.

tropomórficos como coalizões, laços familiares, status da mãe e dos irmãos, e qualidade das interações precoces numa atmosfera de infância protegida. Não teríamos oportunidade de saber, em resumo, que os chimpanzés são seres extremamente complexos, com comportamento muito flexível, com uma individualidade muito pronunciada.

Cada capítulo gira em torno de parte da história de vida de um dos chimpanzés (eles são sempre identificados por nomes próprios). Evidentemente, não se trata de uma sucessão casual de minibiografias, mas cada uma delas é escolhida especialmente para ilustrar um tema importante da organização do grupo em estudo: o nascimento dos filhotes e a sua repercussão sobre o comportamento das mães e dos irmãos (e eventualmente das avós); o relacionamento delicado e persistente mãe-filha; a relação mãe-filho e as reações de perturbação quando a mãe volta a ficar sexualmente atraente após vários anos; a ascensão hierárquica de um macho jovem sustentando-se em uma rede de coalizões e iniciando-se com o desafio às fêmeas e com as extraordinárias exhibições ritualizadas; a manutenção do poder e os conflitos que envolve; hostilidade e canibalismo esporádico entre comunidades e também em âmbito intracomunitário; cisão da tropa e formação de novas comunidades marcadas por manifestações violentas; as vidas inadaptadas de alguns chimpanzés marcadas por uma série de infortúnios e revezes em oposição às vidas adaptadas como consequência de uma infância protegida e bem-sucedida; os padrões de interação sexual e a curiosa evidência de estilos particulares de lidar com o acasalamento; a importância da observação, imitação e das diversificadas brincadeiras; as variadas e complexas interações chimpanzés-babuínos e suas alterações da infância para a vida adulta; as possíveis relações entre ambição social dos filhotes e características maternas quanto à dominação e sociabilidade; as dificuldades da mãe em lidar com a rara situação de nascimento de gêmeos; a comunicação vocal, gestual e postural entre os chimpanzés e deles com os babuínos; o uso e a "fabricação" de instrumentos para retirar formigas e cupins de seus abrigos; a caçada com nítidos aspectos cooperativos evidenciando a alimentação eventualmente carnívora.

Ao tratar de cada um desses temas a autora fornece informações complementares de interesse, de uma forma não sistematizada, mas eficiente. São relatados também diversos imprevistos enfrentados (entre eles uma epidemia de poliomielite e uma de doença semelhante à pneumonia que vitimaram diversos chimpanzés e deixaram seqüelas em outros) e discutidas implicações metodológicas tanto dos imprevistos como das decisões da equipe.

É importante destacar que a autora, não obstante seu intenso envolvimento emocional com a comunidade chimpanzé de Gombe, mantém posições extremamente realistas quanto ao futuro dos chimpanzés em liberdade. São afirmações suas a respeito: "O melhor que podemos esperar é uma série de parques ou reservas nacionais, bem protegidos por zonas tampão, onde os chimpanzés e outros habitantes da floresta possam viver suas vidas naturais em paz" (p. 244). Ela adverte ainda: "Devemos nos lembrar que as pessoas que vivem perto das áreas recentemente reservadas para a vida selvagem podem ter todo o direito a uma sensação de ressentimento. Por que deveriam ser privados de terras que seus antepassados utilizaram durante gerações? Conservação, educação e o afluxo de dólares dos turistas não são recompensa suficiente. Projetos agroflorestais criativos, cercando reservas e parques flo-

restais - a plantação de árvores para lenha, carvão, vigas de construção e assim por diante -, não apenas protegem as espécies nativas, mas também permitem que as pessoas utilizem a terra tal como faziam em tempos passados. Alguns conservacionistas tendem a esquecer que os humanos são animais também!" (p. 245). E conclui: "Se os chimpanzés sobreviverem em liberdade, será em alguns poucos trechos isolados de floresta, concedidos de muita má vontade, onde as oportunidades para uma troca genética entre diferentes grupos sociais serão limitadas ou impossíveis" (p. 223).

A utilização de chimpanzés em laboratório, a grande maioria nas pesquisas imunológicas (quase sempre sobre hepatite ou AIDS) é vista com muitas reservas por Goodall e objeto de comentários em duas das seções de seu texto. Ela é enfática a respeito: "Qualquer pessoa que enjaula chimpanzés isolados devia ser obrigada a provar, de forma convincente, a um painel de cientistas qualificados, a necessidade de condições tão desumanas - particularmente tendo em vista o número crescente de provas demonstrando que tais condições, que produzem animais estressados, são não apenas cruéis, mas podem na verdade ser prejudiciais para os resultados das experiências. Levando em conta que o estresse afeta o sistema imunológico, dados relativos à eficiência de drogas, coletados a partir de sujeitos estressados, podem ser enganadores" (p. 243).

Além do que os dados de Goodall representam para a Etologia, a pesquisadora admite que "a frequência com que os livros de Antropologia se referem ao comportamento dos chimpanzés de Gombe demonstra, repetidamente, que toda essa informação com respeito à história natural dos chimpanzés foi de grande ajuda aos que estudam o homem primitivo" (p. 215). Certamente a autora considera que o quadro não está completo. Sabe-se pouco sobre a agressividade dos chimpanzés. Não há possibilidade, no momento, de estudos comparativos entre a comunidade de Gombe e outras observadas durante tempo equivalente. Permanecem, portanto, muitas lacunas. Jane Goodall acredita, entretanto, que, da mesma forma que grande parte do comportamento social dos chimpanzés só começou a fazer sentido após décadas de observação, a quarta década de observação em Gombe continuará revelando surpresas.

Sintetiza o equilíbrio que o texto consegue entre entusiasmo e ponderação, entre envolvimento e objetividade, uma resposta que a autora apresenta quando lhe perguntam se após tantos anos de estudo e convivência, prefere os chimpanzés aos seres humanos. "Prefiro alguns chimpanzés a alguns humanos, e alguns humanos a alguns chimpanzés" (p. 250).

---

Recebido em 02.12.91

Aceito em 23.01.92